

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: JB Class.: Prod. Cultural / Filmes 76

Data: 17/10/92 Pg.: 33 - TV Programa



Divulgação

Os costumes e tradições dos índios que moram na Amazônia Oriental ainda são mantidos, apesar das agressões

Divulgação

A luta de todo índio

ROSE ESQUENAZI

Durante oito meses uma equipe de filmagem sentiu o fio da navalha sob seus pés. Ao aceitarem o convite da Vale do Rio Doce para dirigir um filme institucional sobre os índios que habitam a Amazônia Oriental, a publicitária Otilia Quadros e o diretor Breno Kuperman não imaginavam que iriam enfrentar tantas dificuldades. Logo no início da roteirização, perceberam que seria impossível tocar num tema que transcende e muito a estrada de ferro Carajás, construída pela Vale do Rio Doce. O problema das comunidades indígenas é muito mais antigo, dramático e violento do que eles poderiam supor.

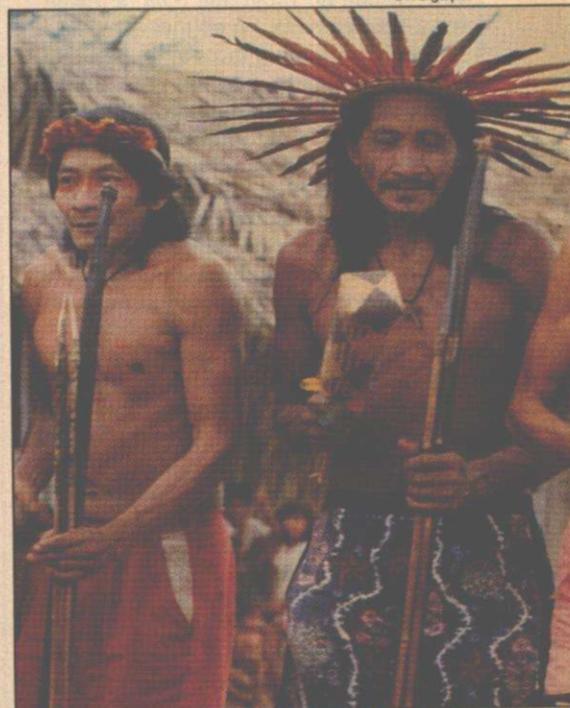
“E seria muito parcial relatar apenas o que acontecia na Vale”, explica Otilia. O vídeo de 40 minutos conseguiu, então, fazer um balanço da última década em dez tribos que se espalham num raio de 100 km partindo da ferrovia. O retrato não podia ser mais fiel e honesto. Foram registradas as falas dos líderes dos Asurini, Kanela, Gavião, Xikrin, Guajajara, Krikati, Surui, Parakanã e Guajá.

Otilia e Breno negociaram palmo a palmo com a Companhia e conseguiram a permissão de apontar os erros e os acertos das iniciativas de vários projetos implantados no Pará, Tocantins e Maranhão, incluindo os da própria Vale do Rio Doce. Para amenizar o choque entre brancos e índios, a Vale contou com a assessoria da Funai que, no entanto, errou na medida. Mandou carros, jipes e tratores e não

incluiu os técnicos para ensinar os primeiros passos. Tudo acabou virando sucata em pouco tempo. Alguns grupos receberam dinheiro fácil, outros passaram a ganhá-lo, algo inédito e que acabou desorientando os índios, que compraram tudo o que viam pela frente. Até aparelhos de TV e som em lugares onde não existia ainda a luz elétrica.

Toda esta história pode ser conferida no dia 2 de novembro, às 23h, quando a TVE exibe *Aben kôt*. O vídeo ultrapassou a fronteira do institucional e tornou-se um retrato contemporâneo dos índios que vivem na Amazônia Oriental. Na língua Gê, *Aben Kôt* quer dizer lutar e, de fato, alguns povos indígenas estão enfrentando os madeireiros, invasores e posseiros. “Nosso grande mérito foi fazer um trabalho honesto sem puxar a sardinha para ninguém. Não aponta para nenhuma direção mas levanta todas as questões”, adianta Otilia que ao lado de Breno e uma equipe de oito pessoas registrou hábitos e costumes de várias tribos para a posteridade.

Um dos depoimentos mais marcantes deste vídeo é o do jornalista Washington Novaes. “No dia em que não houver, no mundo, um lugar para o índio, não haverá lugar para ninguém. Porque o índio é a melhor possibilidade de modernidade. Na comunidade deles a informação é aberta — todos sabem tudo que está acontecendo. Eles respeitam os mais velhos e as crianças, nunca gritam ou espancam seus filhos. Em todas as partes da terra onde existem áreas preservadas, é o lugar onde vivem os índios.”



A roupa não muda a visão do índio